

APOIEMOS CORRECTAMENTE OS ANTI-FASCISTAS PRESOS

Não é segredo para ninguém que foi delegada nos reformistas da "U.E.C." e da pró-Unep a difícil tarefa de transformarem o movimento estudantil num dócil auxiliar da política da burguesia. Depois do 25 de Abril, segundo estes senhores, a única posição "progressista" que os estudantes poderiam ter "sem fazer o jogo da reacção" era apoiar incondicionalmente todas as medidas levadas a cabo pelo Governo Provisório, e só isso, porque os tempos do fascismo já lá vão e, o que antigamente se criticava ou combatia tem agora de se aceitar passivamente.

Claro que esta tarefa não se tem apresentado nada fácil e cada dia que passa é um dia de desespero e infelicidade para os reformistas, incapazes de convencerem os estudantes a darem o seu apoio a medidas que eles não aceitam nem podiam aceitar como populares.

Perante a ineficácia dos velhos métodos propagandísticos, os reformistas não desistem e procuram métodos mais "convincentes" que vão da provocação à pancadaria. Nos últimos tempos, a frequência com que os utilizam varia na razão directa do seu isolamento em relação aos estudantes. Não é por acaso que as recentes cenas de provocação e pancadaria tiveram lugar numa altura em que os seus "serviços cívicos" começavam já a ficar desmascarados.

Mas não basta constatar este facto, é necessário arrancar-lhes das mãos as armas de que ainda dispõem para as suas acções sabotadoras - a influência que apesar de tudo ainda têm junto dos estudantes; e armas que ultimamente lhes têm sido postas frequentemente nas mãos - as acções isoladas dos "radicais".

Os acontecimentos dos últimos dias comprovam plenamente o que dizemos atrás. Exijamos a libertação dos anti-fascistas presos! Exijamos a libertação dos milicianos e soldados de Mafra presos!

No dia 4 de Novembro anti-fascistas levantaram-se contra um comício da C.D.S. partido fascista que alberga o Diogo Freitas do Amaral (delfim do Marcelo), o Adelinho Amaro da Costa (membro do gabinete da Educação do Marcelo), o Xavier Pintado (Subsecretário de Estado do Marcelo), Leite Faria (deputado fascista), o Basílio Horra (dirigente graúdo da ANP), etc, etc. O COPCON protegeu essa corja e disparou "para o ar" contra os manifestantes, tendo ferido vários que depois foi prender em casa.

Esses 10 anti-fascistas estão presos desde então. Um deles, Maria José Morgado está há uma semana em greve da fome. Os restantes 9 presos em Santarém prepararam-se para entrar também em greve da fome, ainda antes do Natal, exigindo a sua libertação.

Em Mafra foram presos dois milicianos e seis soldados considerados cabecilhas da exigência do direito de reunião. Quando os soldados querem reunir, querem deixar de obedecer cegamente às ordens que lhes dão para irem reprimir nem eles sabem quem, todos estão de acordo: os generalotes fascistas, marcelistas e spinelistas por um lado, e o General Fabião e o MFA, por outro, dão o braço exclamam que se está a pôr em causa a "coesão das Forças Armadas" e ordenam prisões; dos soldados e marinheiros, dos milicianos progressistas, é que todos eles têm medo. Eles, os fascistas, e os ex-criminosos colonialistas, hoje "democratas" defensores do ordem burguesa.

Todos os estudantes revolucionários apoiaram desde o princípio os camaradas presos. Mas se queríamos construir uma forte resposta dos estudantes urgia alargar a vontade combativa dessa vanguarda às largas massas, e esse trabalho estava e está em grande parte por fazer.

O radicalismo da FREP faz o jogo do reformismo!

Quando os "cusados de garganta" da FREP dizem: "a generalidade dos estudantes,



(...) compreende já a verdadeira natureza do Estado, a fisionomia reacçãoária da Junta e do Governo Provisório(...) "esses aventureiros mentem!

Que os estudantes de vanguarda, os estudantes que estão já dispostos a lutar e que o devem fazer em lutas políticas (manifestações, comícios) e no esclarecimento das massas estudantis ainda não ganhas, não acreditem nas balelas trotskistas da FREP que diz, no último comunicado, que "é já possível erguer os embriões da Escola dos operários e camponeses", fazendo concorrência aos reformistas que também querem iludir os estudantes sobre a possibilidade de construir "já" a escola ao Serviço do Povo, e assim desviá-los da Revolução Popular.

Pretendendo serem os campeões do anti-reformismo, os "duros", estes radicais desprezam completamente as massas, isolam-nas da vanguarda e dão aos reformistas essa preciosa arma para a sua acção sabotadora.

Claro que o aproveitamento das acções desligadas das massas levadas a cabo pelos radicais não se faz esperar e há sempre uma coluna nos jornais da burguesia a "comentar" estes acontecimentos, quando não são os próprios reformistas a queixa rem-se" dos "aventureiros, pseudo-revolucionários", "directamente controlados pela reacção", "que apenas pretendem virar os estudantes contra o MFA", etc, etc.

A acção de sequestro dos militantes do "MJT" levada a cabo por radicais género destes ("MRPP" "FEML") deu-nos um exemplo claro de como os reformistas se servem destes actos (até houve conferências de imprensa), actos que as massas não apoiam.

O Plenário convocado pela FREP vem na sequência de uma acção desligada das massas

Para que os estudantes tomassem posição sobre a prisão duma dezena de colegas anti-fascistas e para discutirem o ingresso imediato dos alunos do 1º ano na Faculdade, os radicais da FREP apoiados pela direcção provisória de Direito, convocaram um Plenário.

À primeira vista nada haverá de incorrecto nisso pois, fazia-se sentir a necessidade de uma tomada de posição dos estudantes de toda a Academia face a esses problemas.

Simplemente o que estes "oportunistas" esqueceram foi que a convocação de um Plenário não pode ser o resultado da "boa vontade" dos militantes da FREP mas o culminar de um trabalho prévio de agitação que mostrasse aos estudantes a necessidade de uma tomada de posição colectiva. Ora esse trabalho prévio também foi "esquecido" pela FREP na "pressa" de realizar o seu plenário, o que se reflectiu como é óbvio no número reduzido de estudantes (cerca de 1 500).

Nem tão pouco da parte dos estudantes do primeiro ano (que eram a maioria dos presentes) mobilizado neste momento em um ano de luta pelo ingresso imediato, houve uma resposta massiva. Basta dizer que estavam menos estudantes neste plenário (que era de toda a Academia) que no último Plenário dos estudantes do primeiro ano. Para isso também contribuiu sem dúvida o "belo espectáculo" proporcionado por reformistas e radicais no último plenário do 1º ano, em que a pancadaria de que a grande maioria dos estudantes se alheou substituiu a luta ideológica impedindo uma tomada de posição, dando mais uma vez aos reformistas, nada interessados numa tomada de posição, material para as suas "queixas" e demagogias.

Fazer o que FREP tem feito, convocando plenários atrás de plenários que não mobilizam nem sequer a totalidade da Organização, propôr no último uma greve geral sem verem que isso não tem as mínimas condições de ser levado à prática é desprezar o movimento estudantil como movimento de massas, é não ver que só como movimento de massas ele pode ser um aliado do povo na luta pela Democracia Popular.

Qual a posição a tomar face ao último plenário?

Foi de facto o oportunismo desses "radicais" que os levou a convocarem um plenário que não tinha hipóteses de ser representativo dos estudantes de Lisboa. As propostas avançadas nessa reunião pela FREP e aceites pelos estudantes presentes não correspondem ao esclarecimento e à mobilização da maioria dos estudantes face a estes problemas.

Podem-se levantar duas questões: 1ª-não houve praticamente quem defendesse que aquela reunião não devia ser um Plenário e 2ª- os estudantes nela presentes pronunciaram-se a favor de que ela fosse Plenário.

Em relação à primeira questão foi de facto um erro grave não se ter dado a devida importância às manobras da FREP. Os estudantes revolucionários, aqueles que têm responsabilidades no Movimento Estudantil, devem autocriticar-se por não terem tomado essa posição. Nós aceitamos essa crítica e, desde já, nos autocriticamos.

Daqueles que sempre tentaram sabotar o movimento estudantil, os reformistas, não é de esperar uma actuação diferente da que sempre têm tido. Eles vão-se aproveitar deste Plenário para, mais uma vez, se apresentarem como os campeões da luta massividade das reuniões, escondendo que por detrás dos seus apelos à "massividade" das reuniões sempre esteve, e está neste momento, a sua acção sabotadora. Desta vez é o seu apoio vergonhoso a uma medida repressiva do Governo que foi a prisão de estudantes anti-fascistas, que eles vão pretendem esconder através da demagogia.

E ainda agora a prossição vai no adro... No último comício da UE "C", ordenou aos sócios do seu partido, e demonstrou procurar usar a sua influência no Governo, para que se trate com "mão - dura", sem hesitações, os "esquerdistas", "pseudo-revolucionários" e outros termos com que o Sr. Dr. se quer referir aos estudantes. Rapazote mandava a Polícia para a Faculdade, Cunhal falou dos estudantes... A repetição do assalto dos social-fascistas (socialistas em palavras, fascistas nos actos) aos grevistas do CTT é capaz de se repetir proximamente na Universidade. Lá estaremos para os enfrentar!

Em relação à segunda questão, parece-nos que ela está ligada à primeira é que a tomada de posição dos estudantes presentes face ao plenário se ficou a dever a não ter sido desmascarada a "pressa dos "radicais".

Cair no erro de Considerar esta reunião um plenário só pelo facto de não se ter tomado uma posição correcta em relação à sua realização é fugir neste momento a uma inequívoca tomada de posição em relação a ele, o que só contribui para o isolamento da vanguarda em relação às massas, o que os radicais da FREP estão apostados em conseguir; só se traduzirá na sabotagem do apoio aos estudantes do 1º ano, do apoio aos camaradas presos por parte das massas.

Por outras palavras, se não opoermos uma alternativa de massas à sabotagem dos reformistas e à acção desagregadora dos "radicais", o movimento não pode avançar no sentido da sua integração na luta do povo português pela Democracia Popular e o Socialismo.

Apoiemos os estudantes presos através de formas de luta que mobilizem as
amplas massas! Exijamos a libertação imediata dos camaradas presos!
Responsabilizemos o Governo pela vida da Maria José Morgado!
Contra a acção sabotadora dos reformistas!
Contra a acção desagregadora dos "radicais"!

16-12-74

COMISSÕES ESTUDANTIS DE UNIDADE REVOLUCIONÁRIA (C.E.U.Rs)
(ex COMITÉS PRÓ-UNIÃO DOS ETUDANTES PORTUGUESES (C.P.U.E.P.))

